



CARAMBOLAS D'EL-REI

POR

C. GRACCHUS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA FRANCEZA

133 Rua do Hospicio 133

1869

1911-12

1911-12

1911-12

1911-12

1911-12

1911-12

K13

# CARAMBOLAS D'EL-REI

POR

C. GRACCHUS



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA FRANCEZA

133 Rua do Hospicio 133

—  
1869

K13

LIBRARY OF THE  
MUSEUM OF NATURAL HISTORY

1888

RIO DE JANEIRO

EDITORA LITOGRAFIA BRASILEIRA

113 Rua do Imperio

1888

2  
K13

# CARAMBOLAS D'EL-REI

POR

Cx GRACCHUS  
Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

« . . . . . Nam quis iniquæ  
« Tam patiens urbis, tam ferreus, ut teneat se ?

El-rei, *Nosso Senhor*, sovou aos pés de seo capricho absolutista uma situação toda constitucional !

A 16 de Julho do anno da graça de 1868, hasteou-se na terra de Santa Cruz o reinado da desmoralisação publica.

A mais ferrenha dictadura alçou seo viperino collo contra uma sociedade, que hia caminho da civilisação.

E tudo isto por capricho d'El-rei !

El-rei quer se proclamar absoluto. Rasga as paginas da Constituição e substitue-as pelo *Alcorão* de sua omnipotencia.

Hoje quem não cré em El-rei, morre !

Por menos a palavra coruscante de Cicero, o rei da eloquencia, fulminou o traidor Catilina !

Em pura perda um parlamento regorgitando de liberalismo, protestou contra essa monstruosa situação, que se erguia da emboscada !

Novos Prometheos, mas desta feita combinados com Jupiter, os sete phariseos desta irrita situação, escalaram

o bello ceo da patria e roubaram-lhe o fogo sagrado de nossas taboas da lei!

Infando attentado, contra o qual se agitam, se estorcem nas vascas da reacção, os povos, que demoram do Amazonas ao Prata.

Mas esses mesmos povos, semelhantes a Codro, preferem sacrificar-se pelas liberdades patrias a estenderem os pulsos para as pesadas cadeias do despotismo.

Galileos, prostrados pela tortura sambenita, proclamam-se contumazes, pela religião de suas crenças!

Tal é a força do direito; essa *pur si muove* da opinião! Ministros pelo *quero* de um novo Shiva, agarram uma falsa situação, da qual, bem pouco antes diziam-a igual á hedionda Medusa.

A ascensão desse partido em 16 de Julho, para um paiz regido por formas representativas, veio revelar á opinião publica, já tão cruelmente desilludida, a *coherencia* irrisoria de um punhado de velhos e moços, que não receiavam calcar seo passado, ou polluir seo futuro, traduzindo por sua conducta, nessa trefega situação, a mentira de sua linguagem proferida pouco antes no parlamento.

Uns e outros, aceitaram falsas posições juncto a Boudha, sem intelligencia nem suprema rasão.

Não escrupulisaram a incoherencia de suas novas posições com as fementidas palavras, soltas até em côrtes estrangeiras.

Deslembraram-se do que haviam dicto, apenas dias antes, no sanctuario augusto e digno do parlamento; nesse palladio das liberdades publicas, nessa arca sancta da nossa civilisação, protesto vivo contra as cerebrinas utopias de J. J. Rousseau e C. Aggrippa.

Bonzos de um idolo de barro, em pouco cabedal tiveram suas palavras ligeiras como o fumo de suas crenças. A ambição cegava-os.

Delirantes pela ausencia do poder, desdenhavam o proprio poder, para melhor alcançal-o. Confessavam a dificuldade do acesso, para mais facilmente colher os credulos, em um momento de ocio. O refalsado jogador usa das mesmas manhas. Diz-se fraco no jogo para a seo salvo despojar a victima!

O actual presidente do conselho declarando nas côrtes da Europa, pouco antes de galgar o poder, que queria a paz com o Paraguay, paz então vergonhosa, paz que ameaçava a purpura e sceptro d'El-rei, paz, finalmente que igualava o *selvagem*, o *gaucho* Lopes com o divino Cesar, não era por certo, o mais idoneo organisador do gabinete de Julho. *Trovador* de farda e pasta, esse chefe do gabinete, sacrifica seo passado, suas alvejantes cans, sua palavra honrada, e *corre em salvação da patria infeliz*. Pobre patria, onde irás com tal *Trovador*?

*Vulcano*, tendo contra si uma camara quasi unanime, forte de dignidade; admiravel por sua união na hora da profanação da lei, *Vulcano* pede raios ao Olympo e fulmina as liberdades publicas em seos proprios baluartes!

Que importa á prepotencia, o grito de estupor, a vehemencia solemne da palavra augusta, divina, mais *augusta* e *divina* que todos os *divinos*! Que importa á dictadura a torrente impetuosa da logica de Nabuco, Octaviano, Zacharias, Silveira Lobo, Ottoni, José Bonifacio, Martim Francisco, Saldanha Marinho e toda essa illustre pleiade, sublime na colera de dever, bombardeando com a palavra e a polvora do raciocinio, essa Bastilha, que por *di-*

*reito divino*, se erguia contra a constituição politica de um paiz até então livre!

Em vão! A Bastilha ergueo-se, e contra a verdade historica, a metralha do absolutismo esmagou os Camillos Desmoulin's!

El-rei carambolou. O povo foi a tabella. E o povo corrido de seu sanctuario vae caminho do exilio e de perseguições.

Gloria á El-rei, entre os divinos e ao ministerio de Julho, seo propheta!

A Vulcano, presidente do conselho, segue-se Marte, o deos da guerra. O metralhador de Pernambuco, o sacrilego devassador da mortalha de Nunes Machado, o martyr da patria, não era, por certo, o mais apto para agarrar uma pasta que trazia por divisa — *Jústiça, Moderação! Cavete ab ilo, quem Deus signavit.* Deos ensurdeceo o nosso Marte, depois dos gemidos sangrentos, e do crepitar da espingardaria fraticida, alvejada contra a briosa gente dessa provincia, que desde tempos coloniaes, tão bellos exemplos soube dar de patriotismo e amor ás instituições livres; gente, cujo moto de guerra era — *Deos e Liberdade!*

O Sr. de Muritiba de 1868 é o mesmo Sr. Tosta de 1848, salvo um pergaminho de mais e outro de menos: o dos braços e o da audição, destruido.

O esposo da travêssa Amphitrite, o equino amante de Ceres, a ovelha seductora de Theophania, o humido Enipeo, galanteador de Tyro, Neptuno, finalmente o deos dos mares, combatia da tribuna esse monstro, que se lhe ficrava uma das ~~vez~~ Gorgones. Mas nesses tempos, Medusa, a mortal Gorgone, podia ainda disputar a Minerva, essa belleza que a perdeo.



Era então o partido conservador, não como hoje, transformados os bellos traços e a formosa côma, em hediondas e ameaçadoras serpentes, que tudo mordem e dão morte com seo lethal veneno. Não era esse partido, que subindo naquella época, seria tão monstruoso, como a horripilante Medusa, transformada, tal qual o prophetisava o Sr. de Cotegipe. Bellos tempos em que este Sr. clamava de sua cadeira curul, contra a possibilidade da ascensão do partido conservador, por intempestiva e contraria em taes épocas, ao systema representativo. Ascensão, que seria um garrote dado na opinião nacional, por isso que o elemento conservador figurava na Camara em microscopica minoria. Ascensão, que teria de ser um cartel de desafio perigoso cuspido ás faces briosas da liberdade de uma nação. E é esse mesmo Sr. Cotegipe, que dada a abordagem ao poder, elle, então já pirata da opinião publica, arranca da praça d'armas uma machadinha e fere de morte, fere por surpresa a Constituição Politica de seo paiz.

Infamia, escandalo, immoralidade !

Que fé merece hoje o Sr. de Cotegipe, quando poucos dias antes exigia no senado a revisão e revogação de leis abusivas ?

Que se oppunha á conquista do suffragio eleitoral de parochia por parochia ?

Que aconselhava centros de rezistencia para oppôrdiques aos abusos do poder, em modo a impedir que o governo ousasse comprimir o voto nacional ?

— A fé que merecem os piratas !

Diga-se a verdade sem rebuço. Venha essa filha augusta de Deos. A linguagem deve ser virulenta, quando o

delicto for torpe. O Sr. de Cotegipe, se fosse um homem de honra, se prezasse esses bellos dotes parlamentares, esse pergaminho, que o nobilitou, essa cadeira, ultima aspiração do homem da tribuna, deveria aceitar no gabinete de 16 de Julho uma pasta de ministro?

Anteriormente, ou armava á credulidade publica, ou preparava-se para atravessar com armas e bagagens para o campo opposto, ou então, conspirava com insidia?

Responda Sr. Cotegipe.

Não cale-se ; poupo-lhe essa vergonha ; vergonha, que se reflecte sobre o paiz, que as vezes escolhe sem criterio seos representantes !

Uma ultima pergunta, Sr. Cotegipe : Como se harmonisa com El-rei ?

Cesar quer a emancipação do braço ilota. Para isso, tem serios compromissos com potencias estrangeiras, potencias a que se não falta com a mesma facilidade com que se falta aos Pedro Ivos.

Vós, Sr. de Cotegipe, quereis o ilotismo.

Cesar, é absoluto.

Cumpra obedecer.

Obedeceis ?

Quem transige com a dignidade uma vez, transige sempre !

Eis o homem que pedia reformas liberaes ao Senado, nas vesperas de fuzilar a liberdade, o povo e a Constituição.

Que ministros !

Vejamos agora a vendada e escrupulosa Themis. Themis, a deosa da Justiça. Themis, o oraculo de Delphos. Themis, publicista, romancista, dramaturgo.

Themis, diffine-se na primeira pagina de um de seos romances — *Luciola, ou Diva*, se me não falha a memoria.

Themis, é um filhote de andorinha.

Feio, enfesado, incapaz de tortuosos vôos, quando implume. Torna-se esbelta, donairoza, agil, de vôo rapido e vertiginoso, se ostentando a scintillante plumagem de uma farda de ministro.

Desçamos aos factos. O Sr. ministro da Justica, não distribue justiça, castiga a uns, indulta a outros. Colhe patentes da guarda nacional; enchota magistrados, ou reprehende-os com incivilidade e publicamente; desautora seos subordinados, sem ouvil-os e com precipitação imprudente; suspende o exercio de empregos vitalicios e aboleta intrusos nesses mesmos empregos; cata incompatibilidades, não vistas na lei; chove avisos arbitrarios; envia circulares ás prezidencias, ordenando-lhes uma sorte de *veto* contra resoluções de assembleias provinciaes; decreta a incapacidade civil para o fallido não rehabilitado, decreto que tinha de transitar pela chancelaria do proconsul da Bahia, *devedor insolvavel* da mesma provincia, que governa e *para o qual o aviso do ministro não tinha applicação*, máo grado a escandalosa questão de *Bernardo Lourenço e Macedo & Companhia*, embuste, para que o publico não soubesse que e Barão de S. Lourenço tinha sido citado por *Masset & Companhia*, e que não quizera satisfazer seo debito, prevalecendo-se de fôro privado; elimina o artigo 58 do codigo criminal, com a promulgação do aviso de 30 de julho de 1868, invasão de um poder, que não é de certo o executivo.

O mesmo ministro tolera que aqui, na côrte, o asylo inviolavel seja invadido á deshoras e preso o cidadão que não der sua lista de familia.

Consente e protege até a candidatura do autor desse abominavel attentado da rua dos Ourives, attentado que converte a garrulice de um visionario em questão sympathica e popular. E' que o coração humano inclina-se condolente pelo opprimido, reagindo, colerico, contra o oppressor.

A questão Ramos, é hoje uma questão popular.

O bacharel Custodio Fontes, um homem impossivel para as urnas de um paiz, que tenha ainda um resto de brios.

Se no dia em que esse imprudente e leviano rapazola, cometteo esse escandalo nesta côrte, Manoel Antonio de Souza, era prezo na freguezia do Espirito Santo, *por entrada na casa alheia e ferimentos*, como é que o bacharel Fontes, *por igual delicto*, é recebido por homens do poder, louvado, protegido em sua brutal vingança, comparecendo em bailes de ministros, na época de seo attentado e continuando, *sem processo*, a ser candidato governista pela provincia do Erpirito Santo, notavel coincidencia; e o que é mais ascoroso, a ser, ou dizer-se proprietario da folha, thuriferaria do ministerio, folha de escandalosos precedentes, nestes ultimos tempos; folha de um estrangeiro, que tem contractos com o governo!

E' esse mesmo ministro que submette á assignatura de seo regio senhor, decretos que mentem.

Com que direito se apeou do posto de tenente coronel, um cidadão respeitavel de S. Fidelis, em Campos, por se não ter fardado, nem apresentado nos termos da lei?

E' falso; grosseiro embuste, filho de mentidas informações, que provam a má fé, cu inepecia e relachação do presidente da provincia do Rio de Janeiro.

O decreto de 30 de setembro, privando o major Garcez de sua patente de tenente coronel, por se não *ter fardado*, nem *apresentado*, é uma mentira official, *inviolavel e sagrada*, que por tanto se não discute !

Irrisão !

Themis, com o gladio na dextra e a balança na sinistra, corta com aquella o espirito da lei.

Em uma das conchas da balança, arremessa a sua vontade absoluta. Ergue furtivamente a venda, e com olhares torvos de parcialidade e odio politico, vê e profliga nos bachareis Magalhães Calvet e Eutichio de Carvalho Gomes, o mesmo que no bacharel Araujo Filgueiras é motivo para tolerancia e despacho favoravel. Mas não confundamos na brevidade da rezenha. Os dois primeros, um tinha esgotado seo quatriennio e fora reconduzido; o outro, exercia havia trez annos sua juridicção; e no entretanto são eliminados do quadro da magistratura por não *terem tirado titulo*.

Ao filhote do conselheiro Tolentino manda-se pagar vencimentos, *sem embargo de não ter tirado esse mesmo titulo*. Note-se que este adepto dos illuminados, estava prestes a *concluir seo quatriennio* !

Sabe o paiz a explicação destes dois actos contradictorios e parciaes ? O venerando pae de Magalhães Calvet tinha sido um vulto proeminente do partido liberal ; até secretario de um governo republicano. O juiz municipal das Alagoas, Euticho de Carvalho, tamben é liberal. Araujo Filgueiras é filhote conservador. *Tem sogro alcaide*. Finalmente careciam do logar do bacharel Calvet para um filho do proconsul de Pernambuco.

Moralise o paiz.

Mas diz dali, um homem que se atreve a pensar nesta situação: — O senador Alencar, esse veneravel ancião, não foi chefe conspicuo do partido liberal, no Ceará? Um tio do actual Senhor ministro da justiça, tambem não foi republicano? — Sim, senhor; é exacto. Os tempos mudão e nós com elles. O Demosthenes do nosso fôro, porque Ferreira Vianna, máo grado transfuga politico, possui a eloquencia do orador Atheniense; se não produzio como este as *Philippicas* e as *Olynthianas*, já nos deo a *Fuzão* e a celebrada *Conferencia dos Divinos*. Como dizia Ferreira Vianna, bom *judéo*, fez-se tambem *christão novo*. Em auto de fé, abjurou as crenças liberaes, por enxergar no *areopago conservador*, a *candeia que allumia*, por que esta, é sempre a que vae na frente. Ferreira Vianna, como seo emulo, o principe dos oradores gregos, deixa por sua vez, a barra dos tribunaes e vai caminho das honras aulicas. Deus o fade em bem.

Transfugas politicos! Na hora da fortuna são tantos, que até se esquecem dos amigos da adversidade para se estender a mão ao *passado*. « O sol que nasce, dizia Pompêo, tem mais adoradores que o sol que se põe! »

Eis ahi nesse *perfil de homem*, o Conselheiro Alencar, ministro da justiça. Ao subir para o ministerio, deixou cahir as *azas de um anjo*, e hoje é o *demonio familiar* do Tartaro. Tem *verso e reverso*.

Hontem, protestava contra a abolição do elemento servil, asseverando que era uma das mais uteis instituições da humanidade.

Hoje, junto de seo real senhor, renega as *Cartas de Erasmo* e inclina-se a querer o que hontem profligava. E' certo que hontem, o *filhote de andorinha* era implume e

hoje, enverga a farda coruscante de ministro, animal bipede, tolerante e subserviente d'El-rei.

Hontem, carecia de opposição para subir; precisava lisonjear certas paixões ruins.

Hoje, ministro d'El-rei, não carece dos annuncios de Dulcamara.

Ambição de poder !

Eis o segredo das tropelias do conselheiro Alencar, o novo Jeronimo Paturot, que empalmou por trapaça e assalto uma posição no goveno do paiz !

Condemnável ambição ! Fazes de um moço, tão gentil de intelligencia, um monstro tão hediondo, na sede insaciável de governar, collocando-se á frente de facções politicas.

Que tempos e que ministros !

Deus se amercie de nós.

Apollo, o deos do imperio do sol e das letras, offerece seo peito de patriota ás settas dos que não recuassem ante a dictadura, para cunhar moeda.

Cunhar moeda ?

Distribuir papel ruinoso para o paiz ; parto financeiro digno da cabeça escaldada de Patroni.

Appollo é solidario com o decreto que emitte 30 mil contos em *bonds*.

Apollo, escallado o Olympo, pede a Minerva o seo escudo e cobre o fementido peito, para não vel-o traspasado por essas settas, que antes desafiára, ante-vedo a possibilidade de uma dictadura, *exercida em hypothese* pelo Sr. Zacharias, e hoje, em realidade pelo Sr. de Itaborahy, que com o seo gabinete, estende os seus cem braços pelas provincias, deste misero paiz,

e esmaga, novo Briareo, os inexpertos que querem ainda liberdades publicas!

O Sr. conselheiro Paulino, mentio ás tradições de seo respeitavel pai. Esse vulto historico do nosso paiz, costumava ser coherente e rigido em seos principios.

O filho sacrificou as venerandas tradições paternas no altar do cerebro, hoje amollecido e visionario, de seo tio, essa sombra decrepita do valente lidador, que em outros tempos se chamava Joaquim José Rodrigues Torres. El-rei o chrysmou, e as chrysmas d'El-rei deslumbam os lynces! Demais, a velhice caduca. O sol tambem descamba no occidente. E' contingencia humana. Eterno, infallivel só Deus!

Paulino José Soares de Souza, que é desse santo entusiasmo, essa seiva de eloquencia, que em borboções, transudava desse craneo de joven fogoso?

Saciaste as tuas aspirações em detrimento de tua reputação!

E' um juiz severo quem o diz.

Desgraça! Neste paiz, certos homens, fóra do poder, compromettem-se solemnemente por uma causa; advogam com calor um principio, um voto publico, uma aspiração nacional.

Sobem ao poder e parece que atravessaram o Lethes. Nessas regiões, curvam-se por via de regra, aos caprichos astuciosos de um rei, que se escuda com a responsabilidade ministerial, e contentam-se, ageitando as aspirações de familia.

Paulino, ministro, trama agora a eleição de uma ninhada de parentes. Já se não lembra do que dice ao paiz e transige com seos collegas do ministerio, que por seo turno, curam do proprio nepotismo.



Eis o segredo da debandada: corrupção aulica, e egoismo nepotico!

O paiz no entretanto, observa, lastima, descrê, e o que é mais grave — *Corrompe-se!*

Logar a Jano, Jano, o bifronte, Jano o advogado da paz, Jano, o ministro de estrangeiros.

Tal como o feliz rei do Lacio, possui o Sr. Paranhos duas frentes. Uma dellas, enxerga o seo bello passado de liberal entusiasta, brilhante na luta parlamentar. Cheio de esperanças, avido de nobres aspirações. Tudo prometteo, para a tudo mais tarde faltar.

Com a'outra, contempla cubiçoso, esse commodo futuro de posições officiaes. Para colhel-o, transige com suas opiniões, commette defecções; rende-se com a consciencia; rompe com seos amigos; trahe a nobre causa que exposara; mente ao paiz; repelle antigos e leaes correligionarios e lança-se, esbravejando no torvelinho de uma imprensa de convicios! Mas, como todo o homem que assim procede no Brasil, sobe, sobe, subirá até onde quizer chegar pela transacção da consciencia politica. Subirá, emquanto um rei, que professa disfarçadas sympathias pela politica italiana do 16° seculo, politica que especulava com as paixões ruins do coração humano; que preferia para os cargos publicos, homens de uma consciencia equivocada; emquanto um rei, dizia eu, tiver que dar para corromper, ou humilhar Timandros.

E não seria baseado nesta politica, que é doutrina de governo, aceita por certos publicistas, que El-rei chamou ao poder o gabinete de 16 de Julho, tirado de uma camara, aonde contava esse gabinete só dez votos em seo auxilio? Não seria em holocausto á essa politica, que um gabinete

surgio das trevas parlamentares, ergueo-se, hostile ao voto nacional, armado desde logo com os raios de uma ferrenha dictadura, tendo nos labios a ironia do cynismo, para pedir confiança e meios de governo a uma camara, que lhe não podia ser affecta, nem dar-lhe confiança?

Jano preterito, afasta-se como um abysmo de Jano futuro. E' que a consciencia e as soffregas ambições de Jano chrysalida, começavam de segredar-lhe que sendo o interesse pessoal o grande movel das acções humanas, a melhor regra de conducta está na conquista do poder, poder, que na phrase testamentaria do astuto Richelieu, é comparavel ao fogo: tudo destroe e atrahe para si.

O conselheiro Paranhos, renegando seo partido, como Pedro o apostata, renegara a seo divino mestre, empolgou o poder. Por escadas liberaes, remontou-se ás primeiras posições do estado e dessas alturas, escarrou sobre os degráos que o havião elevado tão alto. Tal como esses parricidas *politicos* da heroica França de 93, que nas trevas, fugitivos, mas conspirando sempre, obtinham do paiz, que se regenerava, um passaporte para o estrangeiro, e uma vez chegados á fronteira, pisavam o salvo conducto e arremettiam de braço armado contra a patria generosa!

Qual é a posição do Sr. Paranhos no gabinete de 16 de julho?

O presidente desse gabinete persiste na continuação do elemento servil. O Sr. Paranhos combateo sempre esse elemento, causa incontestavel de nosso atrazo. Em 1856, o Sr. Paranhos, asseverou ao governo inglez seos sentimentos abolicionistas; prometteo mesmo ao ministro Escarlata, essa abolição! Hoje faz parte de um ga-

binete, cujo presidente e mais alguns membros, pensam em opposição á si. Ou não ha solidariedade, no Sr. Paranhos, ou houve ainda uma deserção no sentir do diplomata de 20 de fevereiro?

Sr. Paranhos, consinta que um admirador de seo talento, que reconhece muitos de seos serviços, lhe diga, com dor no coração, e com a consciencia do dever, estas palavras bem amargas, mas justas em sua applicação: — O homem de bem, no mesmo sitio em que hastea o estandarte da redempção, ahi mesmo aguarda, sereno, impavido, o travor do seo Golgotha! Oh! e quantas vezes, testemunha de contraria conducta, dirigindo-se aos pretorianos, exclama, como esses martyres da liberdade de Roma, velado o rosto com a tunica do pudor de suas consciencias — *matae escravos!*

Parece que Montesquieu proferia uma verdade, quando dice, referindo-se aos governos monarchicos puros, que « *a honra era um simples desejo de agradar ao principe.* » E' dahi, por certo, que se origina a corrupção, como meio de governo, nos poderes monarchicos, em detrimento da causa publica. Bentham e os da sua escola assignalam esta doutrina.

Quem nos falta neste triste gabinete de emboscada parlamentar, neste monstro de governo constitucional, nesta cabilda de trabuqueiros das liberdades publicas? Ah, sim, lá diviso em sua mediania, dizem que bem intencionada, Bacho, o deos da agricultura.

Neste não vereis a capella de pampanos, hera, ou figueira, mas em compensação, enxergareis um rosto quasi imberbe e rubicundo; nariz, não pequeno e côr de lagosta cosida; olhar terno e lacrymoso; voz meliflua e *bonachona.*

Não cuideis encontrar a meninice fogosa e garrula do conquistador das Indias. Nada disso; o Sr. Antão, da agricultura, é bom, passivo e obediente.

Bacho fazia o que queria; o Sr. Antão faz o que lhe ordenam.

Não se transforma em feroz leão, nem se ostenta em carro tirado por tigres e pantheras; mas inaugura companhias estrangeiras, vindas ao Brazil para menosprezar a primeira corporação popular.

O nosso Bacho tem talvez um ou outro simile com o heroe da guerra dos gigantes. — Na quasi auzencia da barba; no colorido; na ternura seductora do olhar; no assucarado da voz, nos estalidos da lingua? — Nada disso. Ouve Jupiter gritar-lhe. — *Evohe!* e roda, por ordem d'El-rei, nos carros de uma companhia americana, passando por cima da dignidade da Camara Municipal da Côrte!

Sr. Antão, se entregardes a estrada de ferro Pedro II, a Mariano Procopio, director da *União e Industria*, sua pupilla querida, qual das duas será a victima?

O mancebo robusto, rico de futuro, que se chama Valle do S. Francisco, ou a pallida donzella do Parahybuna?

Ahi está o gabinete de 16 de julho, organizado por capricho d'El-rei.

Despotismo refalsado, ou simulada ignorancia dos principios sobre cujas bases se soltou o brado ingente do Ypiranga!!

Golpe de buido punhal cravado no coração das liberdades publicas por um rei, que faz carambolas contra o governo do povo pelo povo!!!

Em virtude de que preceito constitucional, subio ao poder o gabinete de 16 de julho?

Qual a disposição do nosso pacto fundamental, que armou o braço do governo para dissolver uma camara, que contava nos seus arraiaes uma pujante maioria?

Com que direito se vae appellar para as urnas populares, atrozmente violentadas? Para que mais esse es-carneo?

Um governo forte em sua prepotencia, não deve zom-bar com a victima; salvo se tem os instinctos da raça felina, que brinca com sua victima, antes de trucidal-a!

Não será licito pensar-se que El-rei, reinando *por graça de Deos*, quiz governar calcando a *unanime acclamação dos povos*?

Ah, se nas sociedades modernas se restaurasse o tremendo juizo dos antigos egypcios, para decidir dos vicios e virtudes de seus reis, que se finavam; quantos reis levianos, na hora do trespasso, seriam privados de uma sepultura?!

A inconstitucionalidade do gabinete de 16 de julho, sua ascensão insolita e perturbadora de um governo mixto, vae lançando o paiz em um mar de calamidades e atirando-o para as bordas de um abysmo.

Façamos a rezenha de alguns factos deploraveis.

A lei do recrutamento, já despotica, hoje é intolera-vel, por ser commettida á homens familiares com o crime; sedentos de vinganças torpes, devassos e ebrios de escandalo!

Aqui, é o velho inerme, arrancado do seio de sua familia, arrastado por uma estrada e lançado em uma masmorra.

Ali, é o filho unico, arrimo de sua velha e desolada mãe, que já perdeu seos outros filhos nos campos dos combates.

Acolá, é a força de sicarios, com escandalo chamada *força publica*, penetrando o casto aposento da donzella, e levantando-lhe as vestes, pretextando a busca de um recruta!

O pensamento suspende-se horrorizado! A penna nega-se a consignar tanta infamia!

Pedis provas? Que amarga ironia! Lede-as todos os dias nas folhas publicas, até nas imparciaes, e lá vereis actos de consummado canibalismo, perpetrados nas vinte provincias deste imperio. Actos, que se incarnam em tantos outros Jeremias, para lamentar, com sua eloquencia irrespondivel, as desgraças da patria!

A lei de 3 de dezembro, que confere direitos inquisitoriaes á policia, é, sem duvida, origem de grande numero de nossos males. Agora, porém, excede em arbitrio. A policia, cujos chefes, apaixonados em sua maioria, e subservientes em totalidade, cumprindo ordens da dictadura, vae alijando as enxovias, investindo de cargos policiaes : facinorosos, réos da propria policia, homens sem predicados sociaes, e arremessando-os contra as localidades, e contra os cidadãos que não pactuam com esta nova desordem de cousas.

Em Roma, a devassa, tambem os tyrannos, abriam as jaulas de suas feras e açulavam-as contra as victimas.

Nem é respeitado o proprio ministro de Deus. No templo do Senhor, tendo ainda as mãos sagradas pela hostia divina, é prezo, sem lhe valer ao menos a qualidade de apostolo desse divino homem, que pregou a paz

e concordia, e redimio com seo sangue os vicios da humanidade!

Quereis nomes? A victima foi o conego Brito, da Bahia. Dessa Bahia, patria de heroes; dessa Bahia, uma das primeiras, no dominio dos liberaes, que se levantou para lavar a affronta do estrangeiro. Dessa Bahia, onde tanto sangue precioso de patriotas, tem salpicado as vestes do algoz das liberdades publicas, porque o tyranno não envelhece, no dizer de Plutarcho, assim como tambem a ideia se não fuzila!

Qual seria o delicto desse ministro de Jesus Christo, o divino legislador do codigo do amor do proximo? — Por *constar* á auctoridade, que os famulos desse sacerdote haviam espancado um individuo!!! Horror! E por tão leviana prova, arrasta-se dos altares um sacerdote; rasgam-se-lhe sacrilegamente as vestes, e lançam o apostolo da nossa santa religião em um carcere!?

Em que tempos vivemos, meo Deos?!

A lei que regula o censo eleitoral, tem muitas lacunas; não se adapta ao limitado gráo de nossa civilisação; seja, embora, menos ampla de liberalismo, mas tenhamos um eleitorado directo, como já é o municipal e parochial. Podiamos ir mesmo até o antigo systema censitario da França, comtanto que se executasse a eleição extreme de paixões mesquinhas e intolerantes. Assim, as paginas de nossa historia não archivariam, como padrão de escandalo, os ensaguentados episodios de S. José dos Pinhaes e seos multiplicados similes.

Estes são os senões da lei eleitoral vigente. Porém o mal não está só na lei, e neste ponto, commungo com o nobre Sr. Visconde de Itaborahy. O mal está

na falta de sua execução. O mal distilla-se da chaga ichorosa da *moralidade e pundonor* de governos apaixonados, que mandão cercar igrejas, com tropa, invadidas, derrubar executores da lei, que não forem servos da gleba. Governos, que dão carta branca a seos proconsules para vencer eleições, embora derramando-se o sangue do pobre povo, que unico, paga todos os tributos, geme e morre no varal da carreta do egoismo, laceradas as carnes pelo latego do conductor, qual morre a mizera besta de carga!

E' este porém, o caso de repetir-se com o classico :

« De que vem á virtude encolher-se

« De a rirem assi e pisarem ? »

Erga-se o povo e proteste. Tenhão os seos tribunos a coragem do civismo. Funcione o escarpello de Guttemberg e ampute o membro eivado de gangrena. Perca-se a parte para salvar-se o todo.

Ainda é tempo, cumpra cada um o seo dever !

A lei da guarda nacional carecia de ser revista, ou abolida por inconveniente, como arma eleitoral. Seos defeitos porem, aggravaram-se com abusos escandalosos; attentados contra as mais comezinhas noções do justo e honesto. Tem havido ostentoso menospreço da opinião publica. O prurido de escandalo ; a soffreguidão de affrontar a lei chegou de ponto a crear-se uma nova jurisprudencia em legislação da guarda nacional. E' a cerebrina — *suspensão de exercicio*. Estas patentes vitalicias, que só poderião ser cassadas por um conselho competente, são assim calcadas aos pés por homens apaixonados e provocadores de um dos mais sagrados direitos dos povos comprimidos — o *direito da revolução*. Direito,



invocado no Senado, pouco antes da subida do gabinete de 16 de Julho, por um de seus luminares, o Sr. de Cotegipe, nestas famosas palavras :

« Senhores, um dos grandes remedios para evitar este estado de cousas, é a criação de centros de resistencia legal, para que nos não vejamos na necessidade de recorrer a esse *direito de revolução!* »

Se na actualidade, quizessemos, para oppôr diques ás tropelias do gabinete de 16 de Julho, crear tambem *centros de resistencia* legal, aceitando o conselho autorizado do Sr. Ministro da Marinha, teriamos segurança individual bastante para o fazer; a egide da lei nos salvaguardaria? — Certo que não, porque a lei é hoje a vontade despotica de sete ministros, que se estragam no serviço privado, e calculado de um poder, que tem limites marcados por uma constituição *impertinente!* Não, porque essa camarilha aulica, embriagada pelos gratos effluvios, que se elevam em redor da purpura, essa sorte *de cheiro de santidade*, caminha para o abysmo de sua desmoralisação.

Prometheos que forão, terão tambem seu Caucaso, e o pertinaz abutre a roer-lhe o figado da consciencia, por servirem aos interesses privados de um ambicioso que quer para si o governo do tzar da Russia, do Sultão da Turquia e dos imperadores da China e Japão!

Corromper, para governar, dividir, para isolar-se, em detrimento da justiça e da humanidade, é uma escola de doutrina. Machiavelli foi seu chefe.

Para chegar ao governo supremo, estragão-se homens, precipitão-se situações, fantasião-se crises; impõe-se a um ministerio, com maioria, a responsabilidade de actos odiosos; arruinão-se as finanças de um paiz, por uma

guerra interminavel, pela dubiedade de um general, que confessa, como coisa licita, a compra do inimigo impondo-lhe o assassinato de seu chefe !!!

Nestas delongas, neste descalabro social, tendo o povo por partilha a miseria, a fome, o gemido de seus irmãos, immolados no Paraguay; o paiz fita um horisonte negro, embora concluida a paz com honra nossa. Fatiga-se, prostra-se, descrê e sem esperança, nem fé, nem brio, aceita o freio do despotismo, e deixa-se subjugar esse valente corcel, que se chama povo, por um picador manhoso e trefego!

Tambem Roma, do tempo de Tarquinio, Roma de Sylla e Nero, roia com resignação o freio da tyrannia. Roma levantou-se um dia, seu povo sentio o freio, arrancou-o indignado, desencabrestou e na vertigem da carreira precipitou a tyrannia.

Delucidou a questão, promulgou a verdade, expellio o miasma.

Assim fez a revolução franceza, que na palavra solemne de Victor Hugo, não foi outra cousa que o ideal armado de gladio, surgindo e com um unico movimento repentino, fechando a porta do mal e abrindo a do bem.

Fechemos a porta do mal e abramos a do bem, se até ahi for necessario chegar!

Cuidado, a colera espalha o motim, como o vento espalha o fogo.

A historia está cheia de naufragios de povos e de imperios: um bello dia, este desconhecido, o furacão, passa e arrebatata tudo: costumes, leis, religiões. As civilisações da India, da Chaldeia, da Persia, do Egypto, desapareceram umas após outras. Porque? Ignoramo-lo. Eis o dizer

do desterrado de Gersey. — Não sabes porque, V. Hugo? — Um homem que cura do corpo, vos dirá, o que forão essas molestias sociaes, que lançaram no tumulto do passado essas opulentas civilisações: Havia hyposthenia e hypersthenia. Hypersthenia nos dominadores, hyposthenia nos opprimidos. Uns, morreram da apoplexia do mando, os outros da inanição da dignidade. As nações, bem como o organismo humano, carecem da lancêta e do *ferro*. A lancêta, sangra. O ferro dá vigor. A lancêta cura a plethora da tyrannia. O ferro rehabilita o ton da dignidade.

Vede a molestia da sociedade e dos homens. O remedio, está consignado na pathologia da historia de certos povos. A Hespanha adoeceo, mas a Hespanha convalesce. Bastou-lhe a therapeutica de Topête!

Topête, sangrou o despotismo hespanhol. O almirante ibero foi o Broussais dessa situação arriscada. Viva Topete, medico da civilisação de um povo!

O povo, já o comparei ao brioso corcel, pode ser dominado pelo chicote, fraquear, cahir, aceitar o freio da tyrannia. Mas pode tambem converter-se no cavallo da Escriptura; erguer-se, relinchar, escarvar a terra, eriçar as crinas e disparar em desenfreada carreira, prostrando tudo diante de si. O moto sagrado desse corcel da Escriptura, moto de protesto e regeneração era « *Vah!* Aqui pode ser *haja*, como na patria de Felipe Camarão!

Cuidado publicanos! Sentido *septem viri* ministeriaes!

Appio Claudio, os *decem viros* cahiram; e os *decem viros* tinham *promulgado* as doze taboas da lei romana.

Vexaram o povo, mas legislaram em favor do povo!

Virginius indignado contra as oppressões da patria, ferio de morte o coração da propria filha para forral-a da es-

cravidão. Virginius da liberdade, se tanto fôr preciso, firmos a nossa propria liberdade, em favor da causa publica.

O poder autocratico, avança, cresce ameaça, proclama-se.

As victorias nos campos inimigos, embora tardias, trarão aos paços do despotismo a espada dos triumphadores. E esta espada pode ter o peso da de Brenno em favor da tyrannia. Então, esta repetirá com o general gaulez « Ai dos vencidos? No dizer do proconsul da Bahia, a nação já está dividida entre *vencedores* e *vencidos*! Em quanto não estala o raio eminente na colera das nuvens, que töldão o céo das liberdades patrias, levante-se um desvio para scintilha electrica, nullifique-se sua mortifera queda. Seja a imprensa o *para-raio*. A machina de Guttemberg converta-se no invento de Franklin. E com razão se dirá das duas o que se disse do heróe americano:

*Eripuit cælo fulmen sceptrumque tyrannis!*

A luz da imprensa sara.

A luz da imprensa aclara.

A imprensa delata, porque ha casos em que o silencio é um crime. M<sup>me</sup> de Girardin dice-o em 1848. E esse athleta da imprensa, era mulher debil e nervosa. Tambem M<sup>me</sup> de Stael era do sexo fragil, e bastava sua presença no Sena para faser tremer o tyranno da Europa. Uma e outra vencião pela imprensa. E' que os tyrannos fogem das trincheiras parangonicas como as aves de rapina fogem da luz. No Rio Grande do Norte, o corrilho deste governo reactor, destróe a imprensa do *Liberal do Norte*.

Em S. Paulo, recrutão-se os typographos do *Ypiranga*.

Eis factos recentes.

A imprensa é o sol das consciências. E o sol é a origem da vida, assim como a imprensa o é do progresso universal. Lede e sereis bons. Lede e sereis cidadãos. Lede e os tyrannos serão fulminados.

Incautos, não apagueis esse pharol de progresso e perfectibilidade humana.

O despotismo no século XIX é uma visão. O caso sporadico de uma terrivel enfermidade. Crêde. A visão, converte-se em pesadelo. A visão pode ser miragem. A miragem é a morte da esperança. O caso sporadico pode degenerar em epidemia. A epidemia em desolação. A fagulha despresada lavra o incendio. O incendio traz as cinzas. As cinzas sepultão cidades, como Herculanium e Pompeia.

Incautos, á exemplo de Delphos, não vos deixeis deslumbrar pela visão.

No tumido elemento em que se afunda a sereia, ahi se deparão horriveis abysmos.

Nos paramos arenosos, os *oasis* costumão ser mentirosos. O *simoon* do deserto, queima e sepulta caravanas. O deserto é o absolutismo do isolamento. O isolamento dos reis, é o seo absolutismo, e o absolutismo nas nações é o *simoon* das sociedades: queima devora, mata, arrasta, sepulta!

Fugi dos reis que governão, como governão as areias de Sahara. Ahi, o direito vem da força do leão e da panthera, que imperão nessas vastas solidões. Seos alliados são a fome e a sêde e os ventos abrasadores.

Nos imperios absolutos, os liões, são os reis; as pantheras, seos governos. Aqui, a vontade prepotente é a lei e o direito, com que se governão os povos; as guerras

caprichosas, tendo por pretexto *levar civilisação*, que não desaffrontar os brios nacionaes, são : a fome, a sêde e os ventos abrasadores de um governo despotico.

Eis o simile. De um lado a luz da civilisação e liberdade dos povos, conquistadas pela palavra solemme da imprensa.

Do outro, o despotismo ferrenho da tyrannia e da ignorancia.

Escolhei !

Obreiros do progresso, erguei-vos. A' vista de infamias que sobre excedem e transbordam a paciencia humana haverá ahi peito de ferro que se contenha ?

..... *Nam quis iniquæ*

*Tam patiens urbis, tam ferreus ut teneat se ?*

.....  
Cahio Villeta !!! A victoria, quando conforme ao progresso, merece o applauso dos povos !

Ozorio bateo-se como um leão. Não lhe morreram cavallos, mas seo sangue de heroe de Ilion, correo de seo rosto marcial !

Os dias 6 e 11 de dezembro de 1868 serão d'ora avante dois dias memoraveis nos fastos do Brazil. Completou-se a obra do governo, que espiou com o ostracismo, sua dedicação pela causa publica !

O combate do Itoròro, a batalha do Passo de Toros, que nos assegurou Villeta, foi o triumpho da causa da liberdade contra a tyrannia.

Era tempo. Um dia de mais, e Deos sabe o que seria deste Imperio !

Lopes ha-de baquear como baqueam todos os despotas.  
A' Assumpção !

Viva o Exercito e Armada Nacional !!!

Troe o canhão festivo. Entoemos epinicios nos altares desta patria de bravos.

Mas passada a hora do justo entusiasmo, não olvidemos a obra de nossa regeneração.

Que as delicias de uma victoria tam almejada não adormeça nossos brios civicos. Que não seja essa apeteçada victoria a Capua degradante de nossa santa cruzada. Lavada a affronta do estrangeiro, profliguemos o attentado domestico.

Convem não esquecer as lições da historia. E a historia nos conta que Tarquinio, o soberbo, depois das victorias dos Latinos e Volscos, redobrou de tyrannia. Se até então, governava sem leis, desterrando do poder a uns, e afastando os que lhe inspiravam receios, alcançada a victoria, refinou de tyrannia.

Tarquinio, o soberbo, bem pode com o perpassar dos seculos, chamar-se — Pedro, o *Astuto!*

A historia, é certo, conta-nos tambem que esse Tarquinio foi derrubado e percorreo a estrada do exilio. Famosa lição, tantas vezes repetida, e tantas esquecida.

Tarquinio cahio, porque Roma, a virtuosa, teve ainda um Senatus consulto e suas curias, que pugnavaõ por sua liberdade.

E porque o não teremos nós? Cumpra cada um o seo dever.

Queremos a monarchia, mas a monarchia constitucional.

*Senão, não!!!*

O protesto contra a lisonja e aulicismo, começa!

Nesta guerra temos tido Valerios Flaccos. Uzurpadores de glorias alheias. *Sic vos non vobis*, é a injustiça perpetua.

Ozorio, o legendario; Andrade Neves; Argollo e tantos outros no Exercito. Maurity; Silveira da Motta; Gonçalves e os demais, na Armada, bem podiam dizer, uma ou outra vez: *Hos ego versiculos fecit, tullit alter honores!* O que admira, pois, que, na sessão da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro, de 23 de dezembro de 1868, houvesse alguem que se lembrasse de felicitar um general em chefe, em vez de ser esse general o interprete dessa felicitação para com o Exercito e Armada? Mas em honra dos cidadãos livres da provincia de Rio de Janeiro, levantou-se um de seos reprezentantes, em sua Assembleia, e protestou com mais doze de seos companheiros contra . . . . . o equívoco.

Esse protesto, cahio em numero, mas venceu moralmente.

Que importa! O Christo da palavra e seos doze apóstolos, redimiram a Assembleia Provincial do Rio de Janeiro de um acto altamente injusto.

Os publicanos curvaram-se ao poder. A uns e outros a opinião publica fará justiça!

Levem o vencedor ao Capitolio. Invente a lisonja o melhor dos aromas, para perfumal-o, mas não esqueçam o povo soberano que é o Exercito; o povo soberano que é a Armada. Esse Exercito, digno de um capitão, que se chamasse, mesmo, Sesostris, Alexandre, Cezar, Napoleão. Essa Marinha, que podia ser commandada por Themistocles, Ruyter, Jean Bart e Nelson!

Não esqueçam a coragem, a resignação, a gloria de um povo, que estava em primeiro logar. Felicitar um homem é coisa distincta de felicitar uma nação por intermedio de um homem. Ou então não ha logica.



Convenho que esse homem seja digno de nossa reverencia. O contrario seria cegueira, seria injustiça, seria parecer-nos com este governo de parcialidade odiosa. Convenho que uma victoria, embora tão tardia e sanguinolenta, faça esquecer, exitações, erros estrategicos, mudança de planos, occupações *evacuadas*. Convenho ainda que devamos esquecer que ha generaes, que vencem, quando se empenham em batalhas, antes pela bravura de seos soldados e cabos de guerra, que pela sua estrategia. Convenho mais, que a victoria fagueira deve antepôr-se a um argumento irrespondivel: Um general, colloca-se em um dilemma bellico, depois de reiteiradas procrastinações. Lança-se em um terreno, alagadiço, sem viveres e sem estradas, não podendo retroceder, *cercado de estivas vacillantes e abysmos* (1). Tendo a anciedade da patria a pedir-lhe contas, seos louros, antes conquistados, prestes a murcharem-se; uma inundação, uma terrivel inundação eminente, que podia submergir, como o mar Vermelho outr'ora submergio a Pharáo e seo exercito; collocado na critica situação de Fernando Cortez, na conquista do Mexico, de vencer, ou morrer.

Eis uma ponta do dilemma. Na outra, um exercito de fanaticos, é certo, mas inferior em numero; já tantas vezes batido por nós; desanimado, lavrando o descontentamento em suas fileiras. Tendo por fortificações, como affirma o proprio Sr. de Caxias, *uma insignificante valla*. Tinha pois de escolher: morrer, morte ingloria. Bater-se e poder vencer. Venceo! E' a sorte das armas. Venceo,

(1) São palavras do nobre Marquez de Caxias.

commandava filhos da terra de Santa Cruz. Venceo! Tambem Augusto Octaviano, vencia pela pericia de seos generaes. Tinha Agrippa. Nós temos Ozorio, o idolo dos soldados; Andrade Neves, o Murat brasileiro, Argollo, o nosso Carnot; Menna Barreto; o valente Gurjão e o mallogrado Fernando Machado, Augereau, de Itororó, essa Arcole, ou Lodi da presente guerra.

Foi realmente essa jornada, o mais bello feito de armas que distinguio o general em chefe. Nesse dia, tomada e retomada a ponte de Itororó, pelos bravos do exercito, consummada a victoria pelo denodo do general Caxias, que com seo estado maior, arrojava-se ao mais renhido da peleja, Caxias tomou proporções do general em chefe do exercito de Italia. Militarmente, foi o louro mais virente da corôa de Caxias. Esse acto de desesperada bravura, fará de certo esquecer seos erros nesta guerra. Viva pois o vencedor, mas depois do Exercito e Armada. Justiça exige.

Vencedor de Villeta, tua espada já uma vez pesou nos destinos do Paiz! Se dictardes a paz de Assumpção e antes de entrardes em teo carro de triumpho, attendei: Sylla, vencedor de Mithridates, dice: « *aos que supplicação, cabe-lhes o direito de fallar e os que venceram o dever de esperar e lhes ouvir as supplicas.* » Sêde generoso como Sylla. Ouvi um povo perseguido pelas violencias de vossos correligionarios. Salvae a moralidade publica affrontada, a civilisação rubra de vergonha. Excepto a facção de vosso governo delirante, a opinião dos partidos constituídos, sem côr politica, está sequiosa de justiça; não confiraes o poder a sicarios, a homens sem moral, nem costumes, que tripudiam e

batem palmas nos aprestos de uma hecatombe eleitoral, em que a victima immolada e confundida com o sangue do povo, tem de ser a nossa Constituição Política e a Liberdade do Voto!

Basta de reacções. Dizei que a victoria alcançada contra o trefego guarany, é absolutamente obra vossa. Dizei mais que sois do partido da ordem, da moderação, do *paternal governo*. Dizei tudo isto, mas que os vossos amigos deem de mão ás tropelias de seos agentes. Sejam embora tyrannos, como Appio Claudio, mas concedei-nos, como os *decem viros*, que: « Não haja mais leis pessoaes. Que a legislação das doze taboas só conheça cidadãos. Que suas disposições não sejam feitas so para uma classe, porque todos são iguaes perante a lei. Que seja lei aquillo que o povo houver determinado em ultimo lugar.

« Seja pois o povo a auctoridade soberana, fonte de todo o poder e de todo o direito. »

Eis o que pede a nossa dignidade de povo livre.

Vencedor, *nós o povo*, queremos assim, ou então.....!

Brazil, rasgada a tua Constituição; asphyxiada a urna popular o que te restará? — O absolutismo!

E tambem.... o direito da revolução!

Povo, sentido! Afoga-se a honra nacional na vaga medonha da corrupção do nosso systema politico. Arremessam o teo fucturo de povo livre para os golpes do regio latego.

Ambiciosos, a ameaça pode precipitar a insurreição. O protesto philosophico transmutar-se em protesto armado. Da cabeça de Jupiter pode irromper Minerva. Não lanceis entraves no curso, ora sereno, ora agi-  
c. 3

tado do rio do progresso. O obstaculo faz espadagnar a agua e agitar-se a humanidade. As aguas, desse rio produzem então catadupas de sangue e a humanidade converte-se em besta féra. Essa humanidade feroz chamou-se Cromwel, Marat, Robespierre, Danton. E esse accordar terrivel da humanidade, chama-se o protesto do progresso ameaçado. Deixae-o deslisar-se sereno, não lhe perturbeis o curso das aguas, que leva a perfectibilidade ao Oceano de Deos, origem de toda a perfeição e collecter dos tributos da humanidade. Tambem a natureza physica tem suas tempestades. Fuzila coruscantes raios, retumbão medonhos os échos, fere, prostra, aniquila; rompem-se as cataractas do ceo. A agua cahe em bategas, alaga, inunda! Passa o furacão. Na abobeda celeste, curva-se em variegadas e scintillantes cores o iris de bonança. A avesinha, prenuncia da paz, traz no bico o ramo de oliveira. Surge radiante o sol, cantam as aves entoam-se hymnos á natureza; respira-se, sente-se a felicidade no sangue, nos pulmões; folga a humanidade.

Eis a historia das revoluções, eis suas consequencias. A electricidade que a provocou, desfez-se em suas proprias iras e derrubou os que encontrou em seo curso. Cautella com a electricidade popular, vede o raio que fulgura nas nuvens de sua colera!

O progresso é a vida permanente dos povos. Acontece as vezes que a vida momentanea dos individuos se acha em antagonismo com a vida eterna do genero humano. Actualmente o Brazil está collocado nesta triste situação.

Nesta lamentavel conjunctura, desaparecido no negro horisonte do mar iroso de nossas desgraças, a ultima vela

de esperança e confôrto, tenhamos coragem e prudencia para de cima do ultimo madeiro de nossa desconjunctada jangada, bradarmos como Romulo, castigando o imprudente irmão: « *Assim morrão os que ousarem saltar estas muralhas!* »

As paginas sagradas da nossa Constituição Politica são como as muralhas da antiga Roma. Ai dos que ousarem saltal-as!

Não desesperemos. O progresso tem hybernações como o arganzaz, mas basta um raio do sol da liberdade para restituir-lhe o sangue e a vida aos membros entorpecidos.

Quem desespera procede mal. O progresso desperta infallivelmente, e mesmo poderia dizer se que caminha, quando adormecido, porque repara as forças; erguido, recupera o caminhô perdido. Anteo ganhava novas forças, tocando a terra, que lhe dera o ser. O progresso, aspirando as auras da liberdade, hematose necessaria para sua respiração e vida, vigora-se e lança por terra os Hercules do despotismo.

Não desesperemos. A paralytia nem sempre é a morte. Se não cede á therapeutica suave, cede, em ultima analyse, ao ferro e fogo, meio tambem racional, para a cura da molestia. Os governos facciosos, que paralytão a marcha regular das sociedades, perturbando-as, se não cedem á *resietencia legal*, curvãõ-se ao *direito das revoluções*. A vulgarisação desta formula therapeutica pertence ao Sr. de Cotegipe, ministro da marinha no gabinete de 16 de julho.

Não desesperemos. Começemos a cura de nossa sociedade, estuporada pelo gabinete Itaborahy, de 1868, por

meios brandos, recursos ordinarios, *resistencia legal*. Se a medicação for improficua, chamemos a nação para uma magna conferencia e assentemos no tractamento pelas escarificações, moxas e cauterio actual; meios desesperados, *direito de revolução!* Formula Cotegipe. Se o doente morrer, tanto peor. Houve aniquilação da materia, esvoeja a ideia. Se o paiz succumbir, putrefaz se. Perdeo o brio, deve desaparecer da face das nações, como lá se forão as cidades malditas. E o espolio de sua passada dignidade vae a outro povo, que melhor uso faça desse cabedal!

Não desesperemos. As nações tem crises nervosas, não são molestias organicas, incuraveis, ou difficeis de debellar-se. Excitemos o systema nervoso entorpecido, e a cura pode operar-se. O centro do systema nervoso é o cerebro e a medulla espinal. O cerebro de uma nação é o seo chefe; a medulla, seo governo. O Brasil está a braços com um espasmo nervoso, houve uma crise violenta. Dirijamos as nossas vistas para o cerebro deste colosso que se chama imperio de Santa Cruz; hyposthenisemos esta medulla irritada de seo governo e vejamos, se estes meios bastam, para determinar a convalescença.

Tentemos a cura. Mas antes de começal-a, previnamos ao enfermo que na medicação anti-espasmodica, seos agentes irritam para curar; parece mesmo, algumas vezes, contradictoria. Exerce, por exemplo, uma terrivei impressão sobre o paladar e a olfacção, como a *assa-fetida*, o *alcali volatil*, ou o *ether sulfurico*. Esta reacção, porem, é salutar. Irrita, mas cura, e bem diz-se do medico. Receitemos.

El rei tem virtudes domesticas de puro crisol. Tambem

Luiz XVI as teve. Era poltrão; insidioso; irresoluto, considerado como rei. Nunca conheceo o grande predicado da oportunidade, esse segredo dos heróes, dos grandes reis e dos optimos medicos. Deixava passar a indicação para oppôr o remedio; perdia tempo, irritava o povo, e lançava em um abysmo a purpura dos reis. Mas esse rei fraco, quasi idiota, teve um lampejo sublime de coragem e realeza, foram as suas ultimas horas de martyrio e bastariam ellas, senão o seo sacrificio brutal, para salvar-lhe a memoria! Na hora suprema foi um philosopho, tendo sido até então um imbecil. Teve prejuizos de raça, não quiz aceitar as ideias do tempo em que vivêo, aurora da luz do nosso seculo. Fatalidade. Na raça dos Bourbons foi sempre este emperramento contra o progresso que os tem tornado impopulares, salvo um, ou outro, que comeo o pão amargo da adversidade, ou dotado de espirito mais penetrante. Eis a historia dos Bourbons de França, dos Bourbons de Napoles, dos Bourbons de Hespanha, de todos os Bourbons onde quer que reinem.

Henrique IV era Bourbon e foi e será o idolo desse povo entusiasta das velhas Gallias. Mas o bearnes teve a vida errante das montanhas, a adversidade por escola e por missão, varrer as lamas do throno dos Valois.

Tambem Luiz XIV era Bourbon. Mas Luiz XIV soffreo na infancia as vexações de um Richelieu que lhe negava, em sua sordidez, até roupa de uso. Tinha de arrostar a corte devassa e criminosa de seo pae, o dissoluto Luiz XIII. Luiz XIV maior, lisonjeou o amor proprio de seo povo, honrou seos artistas, poetas, homens de letras; elevou a França abatida, a potencia de primeira ordem. Fazia esquecer o azorrague, symbolo de seo abso-

lutismo, com os actos magnanimos de sua munificencia. Cahio, quando se fez tyranno revogando o edito de Nantes, e entregando-se como escravo, a seos escandadosos amores. No entretanto seo povo, não esqueceo, apezar de seos máos dias, que seo reinado fora o mais brilhante da monarchia, e que elle unirá a gloria das letras, das artes e do commercio, á gloria das armas. Que possuia todas as grandes qualidades de um rei: nobre, generoso, intrepido, firme e agradecido.

Cercava-se de Condé, Turenne e Vauban, Duquesne e Duguay Trouin, Colbert e Louvois, sem desdenhar Corneille, Racine, Molière, Lafontaine, Boilleau, Bossuet e Fenelon; Lebrun, Lessueur, Girardon, Puget e Perreault. Eis o que fez a gloria deste Bourbon. Eis porque seo povo o cognominou: — *Grande*.

Tivemos em nossos dias um rei, parente proximo dessa raça de Bourbons — foi Pedro V. Que rei foi esse? — O unico que considerou a realeza um officio pesado; que nunca esqueceo seos amigos; que em seos poucos dias de reinado de paz e concordia, galvanisou esse cadaver colossal, que nos tempos de Manoel, o Afortunado, se chamava Portugal.

Que rei foi esse? — Um digno descendente do Mestre de Aviz, o rei popular.

Que rei foi esse? — Um mancebo que no vigor dos annos, na quadra das paixões, da vaidade, do fausto, extinguia o *beija mão*, aviltamento da especie humana, preito indigno para um rei philosopho!

Eis quem foi o chorado Pedro V!

Estude-se o espirito do seculo, assim como o navegante estuda as costas e os fundos dos mares que tem de



percorrer. E' assim que se evitam os naufragios. De outro modo é arriscado.

Senhor, tendes qualidades, pouco cultivadas, para serdes um bom rei. Sede-o. Indagae da verdade por vós mesmo. Deixae certas formulas ridiculas para um throno no seculo XIX. O autocrata do Sena, passeia nos *boulevards*, só, com seo charuto, chapeo redondo e sem casaca. Parecem futeis estas coisas. Engano. Attrahem popularidade. Ha rasgos discrecionarios em um rei, que lhe são necessarios. Arrancar de seo peito uma condecoração, collocal-a, independente de um decreto, no peito de um homem notavel. Estender a mão a hum homem de talento, amporal-o em sua pobreza envergonhada e acoçoal-o em seos disignios.

Senhor, esta patria é tambem vossa. Nascestes na adversidade. Na infancia, essa quadra angelica do homem, não tivestes as cântilenas maternas para vos embalar o berço. A musica que chegava aos vossos ouvidos era o ruido surdo, temeroso e ameaçador de uma revolução, ruido, que se fez tempestade, tempestade que arremessou para longe o augusto fundador da monarchia; o tribuno regio do Ypiranga!

A adversidade, repito, é a melhor escola do mundo. Tivestes esta escola. Sêde popular. Ser amado do povo é a melhor das purpuras. Essa popularidade salva, mesmo, o absolutismo risonho de um Luiz XIV. Prepara para um rei as bençãos, que a posteridade concede a um Tito, a um Henrique IV, a um D. Diniz.

Jurastes manter a Constituição Politica do Brazil.

Respeitae vosso juramento e sereis agradavel a Deos e ao povo!

Senhor, tendes egregias virtudes. A caridade, o amor da familia é predicado incontestavel de vossa alma. Ha preconceitos de raça, defeitos veniaes de educação ; irresoluções de character, rigorismo excessivo de certas apreciações, que, ouvindo-se a verdade, dita por labios extranhos á lisonja, podem ser corrigidos. Não conheceis, ou não aproveitaes os segredos da popularida, que ás vezes está em bem pouco. O conhecimento desse segredo era o lado notavel de vosso augusto pae. Vós mesmo, senhor já tendes tido lampejos de popularidade. Na questão Crhistie ; na vossa partida para o Sul, o vosso comportamento foi o de um grande cidadão, de um rei popular, do chefe de uma nação de homens livres. O povo tornou-se ebrio de alegria !

Voltou a irresolução e esses raios fulgurantes apagaram-se.

Ha certos homens, que cercam os reis e que os perdem. Occultam-lhes a verdade, ou servem-se de seos nomes, para deseulpar suas faltas, ou apadrinhar seos abusos. No Brazil, esses homens teem sido em certas épocas seos genios máos.

Os cidadãos que em 1831 salvaram o segundo reinado, foram apeados do poder e proscriptos, por aquelles homens.

Sorte igual coube aos patriotas, que proclamaram a maioridade.

A Camara de Deputados, que felicitou o chefe da nação por sua attitude energica e patriotica, na questão Christie, acompanhando e animando a corôa nesses dias de patriotico entusiasmo em repellir o insulto do estrangeiro, foi dissolvida pouco depois.

A politica generosa, que armou o paiz contra o insolente paraguay e que mandou a seos campos a ultrice espada de Caxias, geme na oppressão e está votada ao ostracismo por essa mesma espada.

Tal tem sido em todos os tempos, o despotismo oriental dos governos conservadores no Brazil!

O Brazil não quer, não deve querer outra fórmula de governo que não seja o monarchico constitucional. A republica, seria a morte de nossa grandeza, de nossa nacionalidade. As republicas, como governo de anjos, é uma utopia humana. O absolutismo, neste seculo, nesta terra tão grande, tão livre, aonde as florestas crescem tão altas, os rios arrastam tantos volumes de aguas, seria uma obsecção do trivial bom censo.

A monarchia constitucional é a vida, o prestigio da realeza. O absolutismo, o suicidio da purpura. Vivei para a realeza. Quebrai a arma do suicidio, Senhor!

A linguagem é sevéra, dorida, mas o coração é amigo.

Diz a verdado, em que peze aos ouvidos.

Senhor, com a calma admiravel de Themistocles, dirigindo-se a Euribyade de Sparta, repetirei com elle: « Fere, mas ouve! »

Se pequei pela irreverencia official da linguagem, absolvi-me pela sinceridade do conselho. Fossem todos assim: a hypocrisia seria um phantasma. Fossem todos assim: os reis não seriam calumniados. Fossem todos assim: a lealdade seria inviolavel na especie humana!

Senhor, o medico applicou o remedio; tem fé que a cura se ha de operar. A molestia não é organica. A cura é certa!

O sacerdote da saúde cumprio seo dever. Convallesça

o sacerdote da paz e felicidade publica. Evite as re-  
cahidas, abandone os logares insalubres. Assim como  
ha certas localidades incompativeis com a saúde, assim  
ha governos, existem homens antipathicos á causa de  
um rei philosopho, de um rei liberal.

Governos, que se apoderam do sceptro da monar-  
chia para ferir esta e seos povos. Estes governos, são  
localidades pantanosas, mephiticas, seos ares envenenam  
subtilmente como o miasma, que se não vê, que se  
não analysa, que é impalpavel. A melhor prophylaxia  
contra esse monstro das trevas, é fugir-lhe.

Quereis ver como certos governos, a exemplo do mi-  
asma que dá a molestia sem deixar ver a sua apro-  
ximação, despolarisam os actos da melher preroga-  
tiva de um chefe da nação; *a prerogativa do premio?*

Eis um exemplo de hoje.

Por decreto de 26 de dezembro de 1868, concederam-se  
remunerações honorificas a alguns heróes dos combates  
de 6 e 11 de dezembro.

Ao barão do Triunpho, esse que talvez com a pas-  
sagem do AvaHy, decidio da batalha de Villeta; esse  
valente general da nossa invencivel cavallaria do Rio  
Grande, nada se lhe deo n'aquelle decreto! Uma re-  
muneração, que venha mais tarde, já não terá o mesmo  
merito. O brigadeiro Gurjão, intrepido lidador de Ito-  
roró, e ferido, tambem não foi contemplado no decreto  
de 26!

Porque assim procedeo o governo?

Seria falta de dados officiaes?

Não!

Seria porque ambos os preteridos são liberaes?

E' logico pensal-o.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

22  
KI

Outro acto digno de reparo nesse decreto, e que o desnatura.

Porque no mesmo dia em que se dava a Ozorio a venera do Cruzeiro, por serviços em que arriscou sua vida, em que correu seu sangue, lembraram-se nesse mesmo dia de dar a Lopes Netto a mesma venera de Cruzeiro!?

Dessem antes, ou depois.

Sabemos que Lopes Netto renegou seu passado de 1848 e hoje é governista.

Sabemos também que Ozorio continúa a ser liberal. Será esse o motivo?

Em todo o caso foi infeliz o governo, porque o seu decreto desmereceu na opinião publica, sem empanar, embora, o merito dos agraciados!

Um ultimo reparo nesse decreto. O bravo general Marquez de Caxias, teve a gran Cruz de Pedro I. Haveria epigramma?

O venerando pae desse illustre general foi um dos chefes da rebellião 7 de abril, que banio do throno o heroe da nossa independência, D. Pedro I!

O proprio Marquez de Caxias tomou armas contra D. Pedro I!

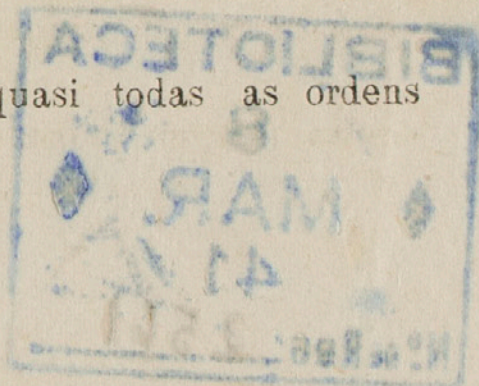
Como se dá ao filho a venera do principe, que foi banido pelo pae do agraciado?

Ao rebelde, aquillo que abjurou?

A familia historica dos Lima foi sempre solidaria entre seus membros.

Logo houve epigramma.

Sabe-se que Caxias possui quasi todas as ordens honorificas do imperio.



Dessem-lhe antes S. Thiago da Espada, que além de ser uma condecoração muito antiga e historica, não se prestaria aos reparos da outra e que é tambem nossa.

Senhor, vós não tendes inimigos, mas tendes des-affectos, por certos actos de vossa attribuição, *menos pensados*.

Desculpae-me a phrase, que é parlamentar.

A popularidade é um salutar remedio contra as des-affeições.

Na ultima calamidade commercial e publica deste anno de 1868, praticastes um acto digno de louvor, que popularisa: estivestes 7 horas junto ao incendio da Alfandega da Côrte.

Com o vosso exemplo, animaveis o trabalho.

Tambem vosso augusto pae removeo, em pessoa, as traves do theatro de S. João, nesta Côrte, por occasião de um celebre incendio, em 1825.

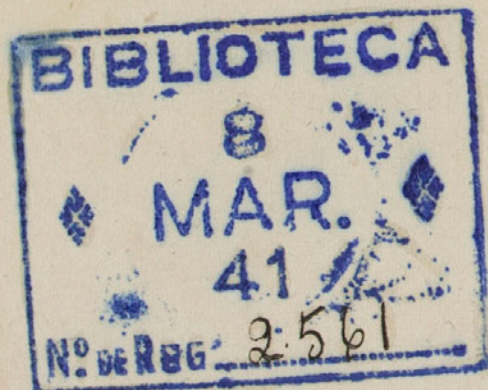
São actos pequenos, talvez, mas que o povo applaude e registra em seo coração.

O vosso augusto parente de Portugal, D. Fernando, é o idolo desse seo povo, por adopção e deve a sua popularidade, a mandar chamar artististas, no palco e condecoral-os no seu proprio camarote, em um momento de admiração pelo talento.

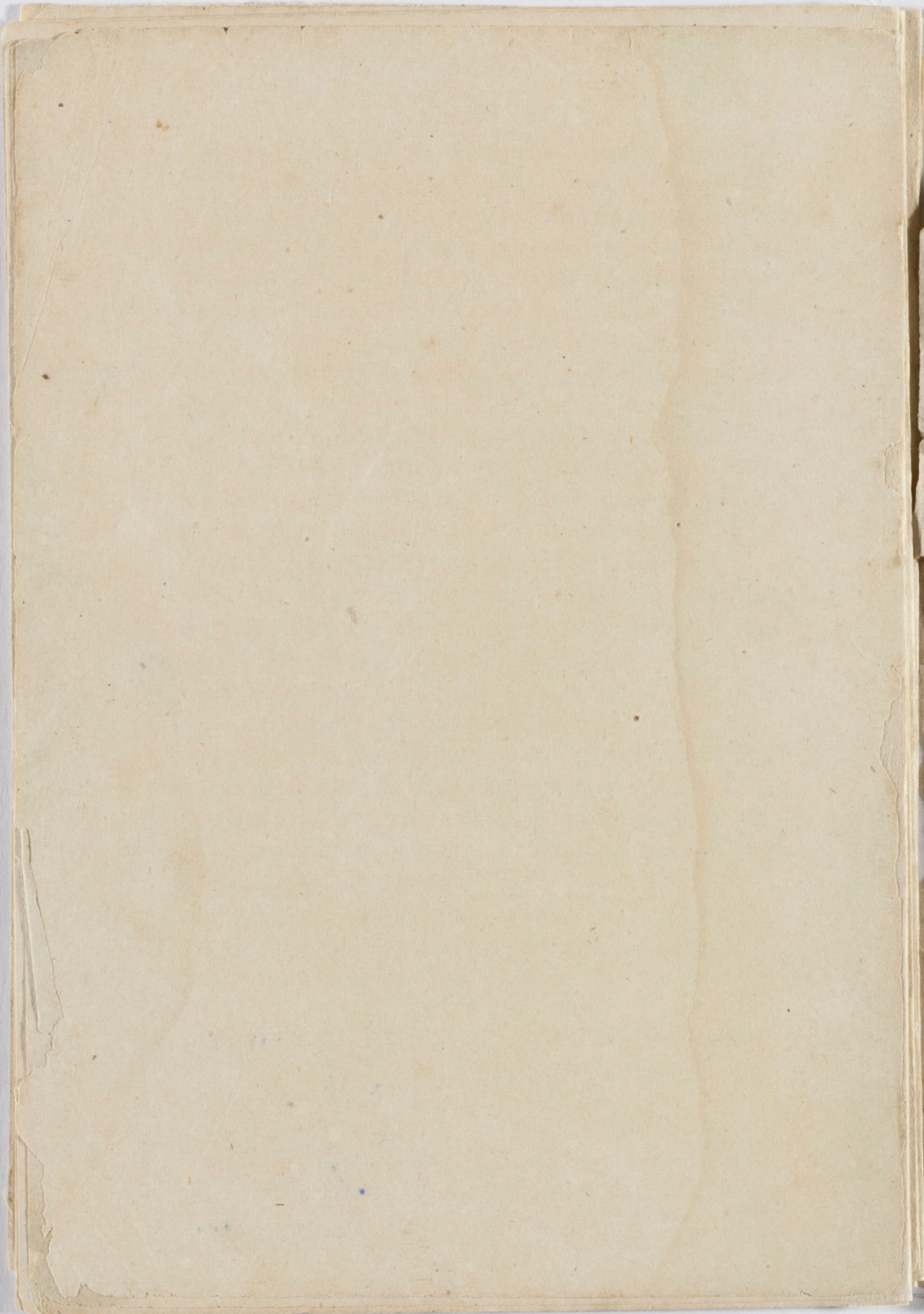
Isto é facil, agrada e louva-se.

Senhor, o espirito do seculo, clama: *Liberdade*. As tradições proclamam: *Monarchia!*

C. GRACCHUS.



23  
K13



24  
K13



24  
K13

